



UMA ANÁLISE DO TIK TOK SOB A PERSPECTIVA DE UMA OUTRA GLOBALIZAÇÃO DE MILTON SANTOS

DAYANA KAROLINE SILVA DE ARAÚJO¹

RESUMO

Trata-se de compreender como a plataforma de vídeos virais chinesa se tornou um espaço de amplitude de vozes diversificadas que estavam à margem de uma sociedade e como a expansão do aplicativo deu força par¹⁹a que fossem retratadas pelo seu ponto de vista, longe dos estereótipos midiáticos comuns e como esta reação se concretiza com o pensamento de uma outra globalização do autor Milton Santos.

PALAVRAS-CHAVES: Globalização. Tiktok. Análise. Milton Santos.

ABSTRACT

It is about understanding how the Chinese viral video platform became a space for the breadth of diverse voices that were on the margins of a society and how the expansion of the application gave strength to portray them from their point of view, far from the common media stereotypes and how this reaction materializes with the thought of another globalization by author Milton Santos.

KEYWORDS: Globalization. Tiktok. Analysis. Milton Santos

¹ Graduanda em Ciências Sociais, UFRPE.



INTRODUÇÃO

O tiktok é uma plataforma de aplicativos chinesa lançada em 2016, com seu nome original Douyin, popular em seu país de origem e sua versão internacional como conhecemos de nome tiktok em 2017, porém com um alcance estrondoso em 2020.

Isto porque este foi ano marcado pela pandemia da COVID 19. A população em isolamento, distante de pessoas e festas se virou para garantir algum tipo de fuga de tais acontecimentos. A rede social da ByteDance se tornou um refúgio principalmente para os jovens da geração Z, que são em sua maioria os usuários. Entre danças e dublagens inicialmente seu progresso foi se expandido à conteúdo educacional, humor, religião, política, republicação de outros vídeos e mais.

Hoje no Brasil estima-se que este ano, 2023, 3,5 bilhões pessoas tenham o baixado, com público de 53% de mulheres e 43% de homens, sendo um dos únicos aplicativos que as mulheres lideram em acesso. Sem muita surpresa, 53% dos criadores têm entre 18 e 24 anos e são também usuários, seguidos por 17,6% de mulheres, 13,6% homens de idade se 25 a 34 anos. Seu público menor é 3% de pessoas de 55 ou mais (AHLGREN, 2023).

A interface em vertical, a tela dividida em seguindo, onde mostra vídeos daqueles que você segue e para você, vídeos de contas aleatórias, contando com base no algoritmo da sua conta de acordo com seus gostos e preferências também é mostrado na navegação.

A forma de compartilhar o vídeo em outras redes sociais com sua logomarca, a atratividade de poder ganhar dinheiro publicando vídeos. Segundo dados do próprio aplicativo, se tiver ao menos 10 mil seguidores ganha-se 0,10 a 0,15 centavos de dólar a cada para ganhar a cada 1000 visualizações. Ou ainda ter 1000 seguidores e fazer lives para ganhar presentes daqueles que o seguem.

Todo esse conjunto de fatores podem ter resultado na ascensão da plataforma digital que a cada ano que passa ganha mais e mais admiradores e desempenha um papel cada vez mais influente não só nas redes sociais como na vida cotidiana.

Talvez os jovens do tiktok não saibam, porém há 23 anos atrás algo ocorreu para que seus vídeos de 15 segundos a 10 minutos explodissem. A globalização tornou possível que um aplicativo feito na China fizesse sucesso no Brasil com seus 76,6 milhões de usuários atualmente, sendo o segundo país com maior número de usuários ativos (AHLGREN, 2023).

Em pleno ano 2000 não se falava de outra coisa, nos jornais, ao ligar a televisão, em programas de rádio. Globalização era o tema do momento e se tornou possível graças ao resultado do avanço da ciência junto às técnicas adequadas da informação. A princípio, a chegada dos computadores, da Internet, a possibilidade de se deslocar de um



país para outro com rapidez, mostraram-se benéficas para todo um globo. A conexão que antes era mais lenta e só possível para algumas classes sociais começou a avançar cada vez. Esse processo só foi possível porque foi institucionalizado pelo sistema capitalista, transformando-se o mercado cada vez mais em técnicas universais. A abertura desta conexão pareceu positiva, mas ao longo do tempo mostrou-se presa a velhas hierarquias de poder e colonização.

Países desenvolvidos agora exploravam países subdesenvolvidos com argumentação que no mundo globalização a tendência é obedecer aos sistemas válidos em todo mundo, ignorando as particularidades, culturas e formas de aplicação de cada país. Resultando em exploração, miséria e fome, sendo assim chamado de globalização perversa (SANTOS, 2005).

De uma forma dita por muitos como otimista. Aqui no Brasil, um intelectual e geógrafo chamado Milton Santos dizia ser possível outra globalização. Esta não seria dotada dessa necessidade de algo “universal” e comandado por aqueles que mais têm, e sim da mistura de etnias, culturas, gostos e usar essa globalização a seu favor. De passar a mensagem não de cima para baixo numa escala de hierarquias que quem comanda é o dinheiro e sim daqueles que possam usar a seu favor e mostrar sua voz a partir de sua própria visão. É neste pensamento que vamos utilizar este conceito e analisar como na prática da rede social do momento essa mistura de povos conectados a milhares de quilômetros estão fazendo juízo ao ideal do proposto pelo geógrafo.

O livro *Por uma outra Globalização* foi escrito nos anos 2000, publicado pela editora Record, de autoria Milton Santos. Nas 174 páginas o cientista faz a crítica de para quem essa globalização trouxe progresso civilizatório? Como já vimos na introdução, esta foi só uma nova forma de relações de poder perpetuar e excluir os menos favorecidos que não tem controle dos meios de poder, este que se beneficia e dita novas formas de governo e de se viver pelas vias do mercado único. O professor ainda classifica a globalização em três: como fábula, perversidade e outra globalização.

Como Fábula, vista como forma enganosa de que estamos todos no mesmo passo de avanço. Aqui o tempo parece único por teoricamente qualquer informação estar a acesso a palma de sua mão. O que faz parecer que no mundo globalizado todos temos acesso à Internet, a celulares, a qualquer dispositivo que nos conectam uns com uns outros. O que é uma informação completamente enganosa. Podemos ver como exemplo, nosso país, que de 203 milhões de pessoas, 149 milhões estão conectados à Internet e 36 milhões não têm acesso à rede (PEREZ, 2023).

Como perversidade, é globalização como ela é. Resultado da competição promovida pelo sistema, a consequência é a fome, a miséria, a diminuição de qualidade de vida, doenças



se alastrando, a corrupção, a falta de acesso à educação, o consumo desenfreado. “Todas essas mazelas direta ou indiretamente imputáveis ao presente processo da globalização” (SANTOS, 2005, p.20).

Por último o que realmente nos importa no artigo presente: Por uma outra globalização. Esta invés de ser a globalização como ela é, perversa e que exclui a diversidade e impõe uma unicidade no sistema, aproveita-se das várias formas de comunidade, vivência, etnias e uso a seu favor colocando o homem como centro e não o dinheiro. Aqui, o autor acredita que será vista uma nova forma de discurso. Graças a essa sociodiversidade que anseia pela derrubada do sistema que lhe impõe para promover uma espécie de revanche ao usar das próprias técnicas que o oprime a seu favor.

Antes de termos redes sociais que anseiam por fotos nossas e o que fazemos ou comemos no dia a dia, ou ainda que em poucos caracteres nos exigem qual nosso pensamento do dia. É preciso voltar no tempo e entender que a mídia que temos hoje está longe de ser a que tínhamos nos anos 2000 na publicação do livro que em questão que estamos tratando. Se quisermos saber de alguma notícia tínhamos que ligar a televisão e escolher algum canal. Ou ainda ouvir a Rádio ou ler algum jornal. Todos esses aparelhos são vistos pelo autor como uma forma violenta de informação. Visto que são empresas que a garantia do seu lucro pouco se importa com a veracidade fazendo com que essa informação se forme como verdade absoluta, todavia ela já passou por áreas dominadoras que desejam que essa notícia seja vista e interpretada da forma a quem está no poder anseia. Na briga pela concorrência, onde a publicidade está em jogo, vale-se tudo. A consequência é uma criação de ideologia de fatos que passaram por rumores, invenções e preconceitos. A grande mídia acaba criando um certo pânico populacional ao mostrar as peças do evento por um ângulo tão distorcido que supõem que seja verdade por estar na televisão, no jornal, na rádio, compreende que estes veículos estão comprometidos em repassar o que aconteceu, contudo não estão e assim se cria os estereótipos de toda favela só tem violência, com as notícias toda hora mostrando sobre tráfico, tiroteios e mortes. Que muçulmano está ligado ao Talibã ou à ataques terroristas, quando quaisquer notícias que se fala sobre está relacionada com isso.



Esta mídia está longe de ser diferente, hoje, vinte e três anos depois. Todavia, a própria globalização se avançou de tal forma que outros dispositivos entraram nas mãos da população e hoje tem até mais alcance que as mídias tradicionais, as redes sociais fazem parte da vida de boa parte dos brasileiros. Porém o tik tok tem sua diferenciação. Seu objetivo não é o mesmo que de seu concorrente Instagram, que apela para fotos perfeitas, bem editadas e o que propósito muitas vezes é mostrar uma vida inacessível a quem os vê. Seus vídeos curtos têm diversos públicos. Ao acessar é possível ver contas de dicas de beleza, de marketing, de emprego, humor, cotidiano e suas famosas dancinhas virais que movimentam o mercado musical. Graças a ele também foi possível dar voz a grupos até então desconhecidos. Como é o caso de comunidades indígenas que compartilham seu dia a dia em suas localidades. Uma rápida pesquisa na aba e digitar indígenas surgem diversas contas como a do perfil chamado Pikó que um dos seus vídeos com quarenta mil curtidas explica o que os indígenas pensam da comunidade LGBTQIAP+. Ou da conta da Cunhaporanga que um dos vídeos mais vistos é comendo larvas como parte de sua alimentação do povo originário. Ou ainda ser possível ver um vídeo de um ritual como se fosse um “batizado “ de uma recém-nascida sendo ovacionada por todos de seu povo. Todas essas contas e perfis acabam permitindo um conhecimento rico na palma da sua mão a milhares de quilômetros de distância. Possivelmente boa parte desses consumidores não conseguiria ter acesso à uma aldeia, todavia conectados à rede Wi-Fi ou dados móveis mergulham em uma cultura que não é explorada nas mídias tradicionais ou se é de forma estereotipada de indígenas reclusos e distantes. O que faz inclusive muitos que seguem as contas em questão até se questionarem perguntas como eles namoram, usam roupas, como tem celular e internet? Indagações que advém da visão manipuladora construída com o tempo na mídia tradicional.

Outro perfil interessante é o de Raphael Vicente, jovem do complexo do Maré, no Rio de Janeiro. Que viralizou na pandemia ao fazer um vídeo educativo e crítico ao governo passado e suas negligências com a COVID 19. O rapaz juntou-se com sua família e mostrou a importância de forma preventiva da máscara e a importância de tomar as vacinas. Mas recente uma paródia do filme Barbie 2023, elucida bem o que falamos sobre construir a sua própria voz. Nele o rapaz destaca de forma engraçada e cômica



como as mulheres da Maré são vistas. No vídeo mulheres de diversas partes da comunidade se vestem de rosa e se intitulam de Barbie estereotipada da Maré, onde uma morada fala alto e chama palavrão, Barbie bolsa família, na verdade é uma mãe solteira cuidando dos filhos, Barbie Maria gasolina, onde mostra uma residente chegando de moto táxi, mas que é vista como alguém interessada. Os trocadilhos com a película continuam e as moradoras mostram que quando falam que moram na Barbilândia (local do filme da Barbie, mas que aqui eles satirizam com o complexo da Maré) as pessoas escondem os celulares. O interessante é que no final todas estão se divertindo e felizes que estão passando num canal de TV, a câmera corta e a repórter diz que o tráfico está fazendo uma grande festa. Por mais cômico que seja, o jovem faz uma crítica social e rebate a forma preconceituosa que foi construída sobre as moradoras da favela através do seu celular e que talvez só foi possível por estar numa aplicativo que quebrou os seus antecessores da “mostra de vida perfeita”. Assim como Raphael há outros perfis mostrando a favela como é. Moradores, trabalhadores, cineastas e sonhadores como em qualquer lugar no país que um smartphone em mãos mostram suas vidas do seu ponto de vista e auxiliando numa nova imagem de grupos minoritários que não tinham o controle da tecnicidade e oportunidade de desconstruir a imagem implantada durante décadas daqueles que detém o poder.

Todavia, não podemos nos enganar que o TikTok faz parte de uma rede que visa ganhar obviamente mais seguidores para ter não só seus cifrões aumentado, e sim entrar no poder das gigantes das redes sociais. Atualmente ele é a sexta rede social mais popular com taxa de engajamento de quase 18%, e seus 90% de usuários que assistem assiduamente seus conteúdos, os 850 minutos gastos por mês por cada um deles, fora as estatísticas já mencionadas tendem a aumentar seu ranking de popularidade (AHLGREN, 2023).

E não porque é uma rede mais ampla de diversidade que ele está isento de ideias pré-julgadas dos próprios assinantes ou de quem os assiste. Kerollen Cunha e Nancy Gonçalves, influenciadoras com milhões de seguidores foram acusadas de racismo recreativo através de vídeos em que ofereciam em uma brincadeira a crianças negras a escolha de dinheiro ou presente, sendo este uma banana ou um macaco de pelúcia. A



delegacia de crimes raciais e delitos de intolerância passou a investigar o caso que repercutiu, inclusive em um canal de TV (BOECKEL, NASCIMENTO, 2023).

Um casal composto por um coreano e uma cearense também foi alvo de xenofobia em comentários na plataforma ao mostrar o rapaz saindo de seu país de origem para passar um tempo com sua namorada em Sobral. A princípio o despertar da curiosidade de um relacionamento de pessoas de culturas diferentes e que poderiam promover a dinâmica dos jovens ao adaptar-se em comunidades distintas, passou a ser alvo de comentários que ridicularizam o Coreano por sair de seu país para o passar calor no Ceará, lavar pratos, e experimentar cuscuz com ovo e morar numa casa simples com a moça. Ambos não ligaram para tais insinuações com tom xenófobo e seguiram com sua conta de perfil Yalucouple, chegando a chamar a atenção de uma TV local para contar suas histórias.

Contudo, não podemos cair na falácia da “fábula” da globalização proposta pelo próprio Milton Santos. O próprio aplicativo como qualquer rede social, por mais simples que seja sua edição, sua proposta e objetivo, exige constância nas publicações dos vídeos para chegar ao público esperado. Como qualquer outra rede os influencers se tornam reféns do algoritmo que dita quem irá ou não assistir os vídeos através dos gostos dos usuários e engajamento de curtidas e comentários oferecidos pela plataforma. Ademais, a forma rápida que o vídeo se alastra compartilhando em outras redes sociais faz com que mesmo possa distribuir materiais também manipuláveis e que passam por cortes e edições vindo de outras mídias de forma veloz que também aguça ideologias. Até o presente momento de agosto de 2023 a plataforma não lançou nenhum recurso que possa identificar a veracidade da fala, ao contrário de seus rivais Facebook, Twitter e Instagram que aparece um recurso indicando a inverdade do que está sendo publicado. Tampouco vamos se enganar que um país tão desigual como Brasil todos possam ter acesso a um smartphone e Internet, fazendo assim com que essa “diversidade” vista pela plataforma ainda assim seja restrita a um domínio de controle que poucos têm.

CONCLUSÃO

De fato, a plataforma chinesa vem conquistando seus espaços no mercado e ampliando vozes que antes não tinham o domínio da tecnicidade para mostrar seu lado da história, a velocidade que o aplicativo se propaga e alcança seus seguidores, sua proposta de conteúdos distintos sem a necessidade de perfeição utilizado por seu rival, o fez ser portador da visualização de comunidades das mais diferenciadas, longe do mapa geográfico de nossa



localização. É interessante notar a inversão de poder, antes de um jornal, TV aberta, rádio passar para redes sociais e principalmente para o tiktok. Como vimos anteriormente nos casos em que houve racismo e xenofobia foram retratados em canais de TV, tamanha a repercussão da Internet, os veículos de informação se rendem a fazer matérias sobre os assuntos do momento, obviamente pensando também em atrair os jovens que são o público destes assuntos para gerar audiência na TV.

Uma outra globalização de um certo modo aconteceu. Através de telefone móvel conta-se histórias, quebram estereótipos, viaja-se por países, conhece rituais, denunciam racismo, xenofobia, fascismo, preconceito de classe, se educam politicamente e refletem sobre seus próprios comportamentos criando conexões via Wi- Fi. Porém esse mecanismo ainda não é suficiente para frear o avanço feroz da globalização. Tal publicação de vídeo ainda não tornou possível quebrar manipulações, não isenta que por mais que não seja um empresário ou alguém do topo da cadeia econômica, atrás de uma tela também se maneja, corta-se, edita que aquele que vê o vídeo também verá a forma final de quem o publicou. Tampouco modificou o sonho do geógrafo que era transformar o centro do mundo mais humanitário e não o dinheiro.

Este que também se torna um atrativo para rede em questão e também joga seus usuários à mercê de um algoritmo nada humano que fazem concorrer uns com os outros em busca das visualizações e condiciona quem os cria numa outra via de trabalho onde a regra é adaptar-se à nova realidade e o novo desejo do público que demora poucos segundos para escolher o que vai lhe agradar ou não ainda resultando no que Milton Santos dizia que a globalização que busca dinheiro e não homem se centraliza em indivíduos cada vez mais competitivos, individualista e narcisistas. Em um país que tem 203 milhões de pessoas e 149 milhões têm acesso à Internet, também é percebido que ainda não sabemos as visões dessas pessoas que não têm o acesso e ainda ficamos restritos à mudança de discurso daqueles que ainda não podem ter sua própria voz nos meios digitais propagadas.

É importante ressaltar que tal modificação para nosso intelectual. Vem dos pobres e não miseráveis. Para ele precisamos nos separar um do outro. O miserável é aquele que já desistiu diante da sua privação total de recursos e como pessoa se encontra em um estado de total derrota. Porém o pobre ele se vê na busca incansável de melhorias por mais carente que seja, está disposto a querer mudar sua condição de vida e possui acesso a um estado de consciência do mal acarretado pelo sistema capitalista, ora, só podemos criar o jogo de acordo com nossas regras e tornar mais humanizado se o dinheiro não for mais o centro em questão (SANTOS, 2005).

Ademais, ainda não vemos por completo essa por uma outra globalização, pois tal sistema que vivemos não permitiria que se completa tal derrubada no poder midiático de vez.



Porém a análise feita através do tiktok pode ser o primeiro passo de mostrar que as vozes antes silenciadas começam a tomar o controle de sua própria história e não admitir deturpações vinda daqueles que se beneficiam na cadeia econômica com tal ameaça sobre grupos minoritários. Assim quem sabe futuramente podemos ver os verdadeiros donos do jogo conduzirem sua própria narrativa e quiçá por fim naquele que verdadeiramente acarreta todos esses problemas: o capitalismo.

REFERÊNCIAS

SANTOS M. Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal. Rio De Janeiro: Editora Record, 2005.

PERES, S. 36 milhões de pessoas não têm acesso à internet no Brasil. Disponível em:

<<https://www.poder360.com.br/tecnologia/36-milhoes-de-pessoas-nao-tem-acesso-a-internet-no-brasil/>>. Acesso em: 17 aug. 2023.

AHLGREN, M. Mais de 30 estatísticas, uso, dados demográficos e fatos do TikTok para 2023. Disponível em: <<https://www.websiterating.com/pt/research/tiktok-statistics/>>.

Acesso em: 17 aug. 2023.

Conheça Raphael Vicente, o influencer da Maré que atraiu famosos e virou garoto-propaganda da vacina. Disponível em:

<<https://www.google.com/amp/s/g1.globo.com/google/amp/rj/rio-de-janeiro/noticia/2021/08/07/conheca-raphael-vicente-o-influencer-da-mare-que-atraiu-famosos-e-virou-garoto-propaganda-da-vacina.ghtml>>. Acesso em: 17 aug. 2023.

Influenciadoras que entregaram banana e macaco de pelúcia para crianças negras serão investigadas pela polícia do RJ.

Disponível em: <<https://www.google.com/amp/s/g1.globo.com/google/amp/rj/rio-de-janeiro/noticia/2023/05/31/influenciadoras-que-entregaram-banana-e-macaco-de-pelucia-para-criancas-negras-serao-investigadas-pela-policia-do-rj.ghtml>>. Acesso em: 17 ago 2023.